

Por um serviço público com a cara do Brasil

MÁRCIA LIMA

Secretária de Políticas de Ações Afirmativas, Combate e Superação do Racismo do Ministério da Igualdade Racial

Em 2014, a partir da Lei 12.990/2014, a administração pública federal passou a adotar o sistema de cotas para pessoas negras nos concursos públicos. A principal justificativa para a formulação e a implementação dessa medida baseou-se em dados que demonstravam a desproporção entre pessoas negras e brancas nos cargos efetivos das carreiras da administração pública federal.

Em 2023, os ministérios da Igualdade Racial, da Gestão e Inovação, dos Povos Indígenas e da Justiça e Segurança Pública trabalharam para que sua renovação incluisse alguns aprimoramentos importantes, sempre baseados nas pesquisas e dados existentes sobre a lei e seu impacto. Embora haja resultados positivos durante sua vigência, ainda não alcançamos o impacto desejado.

Vejam por que é importante renovar e aprimorar essa legislação. Em primeiro lugar, vale lembrar que as políticas de cotas são um tipo de ação afirmativa, que tem como objetivo reverter disparidades históricas em favor de um certo grupo discriminado. Embora as ações afirmativas sejam concebidas como políticas de caráter provisório, o Brasil começou a implementá-las muito recentemente.

No caso do serviço público, 10 anos é um tempo exíguo para reverter desigualdades tão profundas. Alguns órgãos não realizaram concursos durante esse período e os que realizaram tiveram dificuldades em implementar as medidas previstas na lei, o que resultou em um avanço tímido no número de servidores negros concursados. De acordo com o estudo realizado pela ENAP/UnB, em 2013, a parcela de negros concursados era 28%, e, em 2019, chegou a 31%. Políticas de correção de desigualdades precisam de continuidade.

Em segundo lugar, ainda como consequência do baixo impacto no primeiro decênio da lei, é necessário aprimorar sua eficácia. Para isso, o PL prevê um aumento de 20% para 30% da reserva de vagas como forma de acelerar o processo de diversificação da composição dos quadros funcionais da administração pública federal.

Outra mudança importante é a inclusão dos processos seletivos simplificados e das vagas que surgirem durante a validade do concurso, tais medidas ampliam a “cobertura” da atual lei ao aumentar a quantidade de cargos públicos que estarão disponíveis para pessoas negras.

Vale lembrar que o substitutivo apresentado



pela relatoria prevê que o monitoramento e a avaliação ficarão sob responsabilidade dos órgãos de modo articulado, garantindo que o órgão responsável pela promoção da igualdade racial tenha acesso aos dados de servidores coletados e gerenciados pelo órgão de gestão da administração pública. Essa previsão legal trará melhores condições para produzir uma avaliação da política nos próximos anos.

A redação do novo projeto de lei busca solucionar algumas dificuldades, como o fracionamento de vagas e o descumprimento dos critérios de alternância e proporcionalidade. Esses foram gargalos recorrentes na implementação da Lei 12.990/2014 que prejudicaram o ingresso de mais pessoas negras nos últimos anos.

Em terceiro lugar, a lei atual não contempla quilombolas e indígenas, e o texto em proposição passa a contemplá-los. Esse é mais um ponto central para o debate: a importância de que nossos órgãos públicos espelhem a sociedade brasileira e sua diversidade étnico-racial, regional e de gênero. A

pesquisa realizada pelo DataFolha para o Movimento Pessoas à Frente apontou que 56% dos brasileiros consideram que a minoria ou nenhum dos funcionários públicos é representativo da diversidade e/ou conhece os desafios da população.

Outro dado informa que 89% dos entrevistados concordam totalmente ou parcialmente que ações para promover a diversidade racial no serviço público são importantes. Ou seja, há uma percepção da própria população sobre a importância da diversidade para um serviço público eficaz e eficiente. Isso demonstra que a lei está em consonância com o que a população espera do serviço público.

O movimento negro brasileiro historicamente reivindica mais acesso ao mercado de trabalho, mais igualdade de oportunidades no mundo do trabalho. A Lei de Cotas no serviço público responde a essa demanda social, oportunizando chances mais justas para que pessoas negras possam ocupar as vagas no quadro funcional do Estado brasileiro.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Jovens longe da política

Embora alguns possam ver no distanciamento dos jovens da política partidária um sinal de alienação dessas novas gerações em relação a um mundo rodeado de problemas, o fato é que esse afastamento tem como seu fator de origem o próprio comportamento da classe política, que parece agir, em sua maioria, movida apenas por interesses pessoais.

Os escândalos, sobretudo aqueles revelados pela Operação Lava-Jato, mostraram que o mundo da política, pelo menos aquele que vemos em atuação no Brasil, pode não ser o lugar mais recomendado para pessoas de boa família e boa índole, educadas segundo a ética cristã.

Os jovens estão se afastando da política partidária tradicional e buscando outras formas de participação cívica e engajamento político, não necessariamente por meio de uma filiação oficial às dezenas de legendas que orbitam o universo político nacional. De fato, os jovens estão perdendo interesse ou confiança na política institucionalizada, exclusivamente em decorrência do que veem, leem ou ouvem diariamente.

Filiar-se a um partido político não é o mesmo que escolher um time de futebol para torcer. Enquanto escolher um time, muitas vezes, é uma questão de preferência pessoal e entretenimento, a filiação a um partido político envolve compromissos mais profundos, como participar de atividades políticas da legenda e votar em questões internas.

O desgaste da política desde 2014 é um fator significativo que tem afetado o interesse das novas gerações. A Operação Lava-Jato, ao revelar uma extensa rede de corrupção que abalou a confiança dos cidadãos nas instituições políticas, envolvendo políticos, empresas e órgãos públicos, contribuiu para que muitos jovens perdessem o interesse pela vida partidária.

Para muitos que assistiram assustados àqueles espetáculos que mostravam longas filas de políticos indo algemados em direção à prisão, aquelas cenas revelavam os verdadeiros bastidores de um tipo de política que não interessa e está mais próxima de um caso de polícia. Outro fator a espantar os jovens da vida político-partidária tem sido dada pela intensa polarização que tomou conta de nosso país, antepondo pessoas e açulando separações e brigas.

Entrar para a vida política e ser mais um a contribuir para a divisão profunda na sociedade é tudo o que os jovens não desejam para si. Ainda mais quando se sabe que a polarização extrema leva muitos indivíduos a se sentirem alienados e não representados pelos partidos políticos tradicionais, especialmente quando nenhum dos dois lados parece corresponder aos seus valores e às suas visões políticas. Esse sentimento de descrença e desconexão com os partidos políticos atuais, embora contribua para o afastamento das novas gerações da participação política ativa, pode servir como um alerta de que é chegado o momento de uma reforma partidária séria e profunda.

Enquanto não forem revistos mecanismos como a Lei da Ficha Limpa, a fidelidade partidária, o fim da multiplicidade de legendas que não passam de empresas caça-níqueis controladas por caciques que enxergam na política um meio de multiplicar patrimônio, a filiação das novas gerações não será um remédio para o envelhecimento precoce de nossos partidos, tampouco trará sangue novo para essas legendas.

O problema é que, sem a filiação de jovens e seu engajamento na vida política do país, corremos o risco de descambar para uma espécie de gerontocracia desnutrida de ânimo e ética.

» A frase que foi pronunciada

“Você pode queimar bibliotecas, proibir livros, boicotar acadêmicos e colocar intelectuais na lista negra, mas não pode apagar ideias.”

Matshona Dhlwayo

Patrimônio da cidade

» Outra banca de Brasília que merece todo o apoio do GDF é a Banca Fortaleza. Centro Cultural do pioneiro Antônio Ferreira de Araújo. Num barracão, começou a vender revistas na W3 Sul. Ponto de encontro da criançada até madames, a banca fica perto da Pioneira da Borracha e o Roma, amigos pioneiros também. Hoje, o filho Carlos Araújo é quem mantém o local.

Mais cuidado

» Dados do Disque Denúncia apontam para 47 mil denúncias de violência contra idosos apenas nos cinco primeiros meses de 2023. Na Câmara dos Deputados, a Comissão dos Direitos dos Idosos começa a discutir a obrigatoriedade de certidão negativa criminal para quem quiser ser cuidador de idosos.

Na pele

» Rogério Marinho e Davi Alcolumbre discutiam sobre a volta do DPVAT. Marinho lembrou que os brasileiros não têm uma lembrança agradável em relação a esse imposto, que foi criado em 1974. “Talvez, o presidente da Comissão de Constituição e Justiça não era nascido nesse ano, não é?” Ao que Alcolumbre confirmou. “Nasci em 1977.”

» História de Brasília

Isto não quer dizer que o povo esteja com medo do despejo. Deseja, isto sim, uma quadra organizada, onde possa viver uma comunidade sem os incômodos tão usuais como no IAPC. (Publicada em 7/4/1962)

A maior polêmica da Madonna

HELENA MOURA

Professora da Faculdade de Medicina da UnB e membro do grupo de Geopsiquiatria da Associação Mundial de Psiquiatria

Retrospectiva dos 40 anos de carreira da Madonna revela várias razões para uma grande celebração, abrangendo sua contribuição para a música, suas inúmeras inovações, reinvenções e transgressões de estilo e comportamento, além de seu engajamento com o feminismo (às vezes, controverso) e sua luta contra a discriminação enfrentada pela comunidade LGBTQIA+ e HIV+ numa época em que não era nada conveniente se posicionar dessa forma.

São temas que já geraram e continuam a causar muita polêmica, mas, talvez, estejamos ignorando uma questão importante: num momento de mudanças em nossas relações com o trabalho, em que discussões sobre burnout estão em alta e a geração Z pede (ou recebe...) demissão em massa, ainda é possível vislumbrar uma carreira longa e digna de celebração?

Se você já está pensando em desistir desse texto por achar absurdo alguém considerar a arte uma profissão ou porque é impossível comparar a carreira de uma pop star à de reles mortais, peço que continue e se permita se surpreender um pouco. Algumas questões sobre a nossa relação com trabalho não fazem esse tipo de distinção.

Voltemos à diva. A icônica Blond Ambition já havia se tornado um grande sucesso quando lançaram o documentário sobre os bastidores da turnê *Na cama com Madonna*. Polêmico na era pré-mídias sociais (e ainda hoje seria) pela exposição da intimidade da artista, o filme também foi revelador ao mostrar que, por trás de todo o glamour e perfeição do show, havia uma quantidade

imensa de trabalho árduo e contratempos. E o fato de Madonna mesma ter que lidar com essas questões nos ensina uma lição valiosa: não importa o quão famoso alguém seja ou o quão excelente seja a sua equipe ou estrutura, os problemas sempre estarão presentes e, muitas vezes, são mais complexos do que imaginamos. É nossa habilidade de identificá-los e administrá-los que nos permite perseverar.

Em outras palavras, se até a Madonna enfrenta esses desafios, por que não aconteceria com qualquer um de nós? Essa capacidade de colocar os problemas em perspectiva é essencial para evitar frustrações e prevenir o esgotamento profissional.

Outro aprendizado que Madonna nos traz é o de procurar sempre explorar novas possibilidades a partir de habilidades existentes. O propósito inicial de sua mudança para Nova York era aperfeiçoar sua dança, porém, ao chegar lá, as oportunidades que surgiram estavam principalmente ligadas a participações em musicais. Dessa forma, ela se viu na necessidade de aprender a cantar, sem, contudo, descuidar de sua paixão anterior. O resultado foi a criação de performances icônicas que deixaram sua marca em várias gerações e continuam a inspirar muitos artistas até os dias atuais.

Diante da previsão de que mais de 50% dos atuais universitários não trabalharão na área em que se especializaram, segundo artigo recente do *New York Times*, a capacidade de reaproveitar um conhecimento em outros campos de atuação pode ajudar a poupar energia, explorar a criatividade e

proporcionar satisfação pessoal.

Confessions on a dance floor também surgiu de um projeto inicialmente frustrado. Após dedicar um longo período de trabalho à criação de uma trilha sonora, Madonna percebeu que o resultado não se concretizaria conforme desejava. Em vez de deixar todo o trabalho árduo desperdiçado, ela decidiu reinventar o material até torná-lo um de seus álbuns mais populares e bem-avaliados. A possibilidade de tomar decisões como essa, de ter autonomia sobre o próprio trabalho, caracteriza um dos principais fatores de proteção contra a sensação de impotência e esgotamento.

Apesar das críticas de que muitas das suas controvérsias eram apenas para atrair atenção e vantagem própria, não podemos esquecer que, nos anos 1980 e 1990, associar-se às causas defendidas por ela costumava trazer mais perdas do que ganhos. Conforme declarou em seu memorável discurso no Billboard Women in Music de 2016, “obrigada por reconhecer minha capacidade de continuar minha carreira por 34 anos diante do sexismo e da misoginia flagrantes, do bullying constante e do abuso implacável”. Manter seu trabalho alinhado aos seus valores, algo tão valorizado pela atual geração Z, permitiu que Madonna fosse resiliente e persistisse.

Diante do burnout e da precarização do trabalho, persistir e encontrar significado e motivação naquilo que fazemos pode ser um grande ato de coragem. Como disse Madonna, “as pessoas dizem que sou polêmica. Mas acho que a coisa mais polêmica que já fiz foi ficar por aqui”.